

INTRODUÇÃO A CHEBIKA: MUTAÇÕES NUMA ALDEIA DO MAGHREB (*)

Jean Duvignaud

Este livro é uma tentativa de reconstituição da existência coletiva e individual de uma aldeia no sul da Tunísia. A investigação começou em 1960 com o Centro de Estudos de Ciências Sociais de Tunes e prosseguiu por intermédio da Faculdade de Letras.

Tratava-se, precipuamente, de treinar em pesquisa de campo estudantes de Sociologia, até então mais imbuídos de verbalismo e de ideologia do que preocupados com análises concretas, e tão radicalmente urbanizados e ocidentalizados que o seu centro de gravidade situava-se antes em Paris e no Ocidente do que em seu próprio país. De fato, pretendia-se levar esses jovens ao reconhecimento da sua responsabilidade face a uma sociedade cuja real transformação depende deles e não de uma administração que, aliás, no Sul, é freqüentemente autoritária. De 1960 a 1965 (e mesmo em 1966, quando retornamos pela última vez a Chebika), duas ou três gerações sucessivas de estudantes instalaram-se conosco na aldeia.

Que essa gente tenha sido modificada pela realidade que foi descobrindo é um fato tão marcante quanto o inverso, isto é, que Chebika se transformou, com as nossas indagações e a nossa pesquisa. Uma mútua tomada de consciência, com implicações recíprocas, consolidou-se pouco a pouco — favorecida pela identidade da língua, (o mesmo árabe dialetal é falado do Norte ao Sul da Tunísia), da civilização mulçumana incluindo a religião como um dos seus componentes, pela lin-

(*) — O presente texto constitui, na verdade, a "introdução" do livro do professor Jean Duvignaud — *Chebika. — étude sociologique*, (Paris, Gallimard, 1968, p. 11 a 21) e vai aqui reproduzido com a autorização do Autor.

guagem política comum transmitida pelo rádio e repassada da mensagem do "desenvolvimento" sistemático organizado pelo poder central. Essa tomada de consciência faz parte da investigação na medida em que, de objeto de análise, tornou-se sujeito de uma ação possível.

Desde os primeiros contactos no campo, ficou evidenciado que os procedimentos estatísticos seriam, não apenas insuficientes, mas também falaciosos. A idéia de uma sondagem apoiada em amostragens (e, numa certa medida, a exiguidade do povoado constituiria já tal amostra) só teria conduzido a equívocos e disparates. De resto, se houvésemos considerado Chebika como uma "população estatística" homogênea, teríamos caído na cilada que se armara com a atual degradação da aldeia. A aparente homogeneidade era apenas a marca do estado de *derrelição* (esse termo religioso não é exagerado) em que na época encontrava-se um Sul abandonado a si mesmo e "esquecido" pelo poder central pouco interessado em promover mudanças onerosas nessa região tão pobre.

De qualquer modo, a área da experiência coletiva redutível à análise estatística ou assimilável a um meio homogêneo é infinitamente mais estreita do que o haviam imaginado P. L. Lazarsfeld ou K. Lewin quando tentaram empreender experimentos científicos comparáveis aos dos físicos e dos químicos. Aliás, como utilizar tais análises, válidas em certos quadros e em certas sociedades industriais, para examinar mutações e rupturas? Com efeito, é apenas a superfície mais exterior da vida social que tais tipos de estudos normalizam estatisticamente.

Uma análise estrutural, também possível, nos pareceu igualmente suspeita, porque tais estruturas teriam imobilizado fenômenos dos quais, por sinal, observávamos a transformação mais ou menos rápida no curso dos anos 60-66.

Por certo é muito arraigada a idéia de que, por detrás das classificações tradicionais, das regras e das modalidades de troca, oculta-se uma lógica, uma "filosofia natural", da qual os indivíduos não tomam consciência intelectual. Mas, justamente, encontrávamos Chebika num estado de degradação em que as normas não eram, por assim dizer, admitidas senão verbalmente e como uma espécie de jogo a que ninguém mais dava crédito. É o conjunto da "lógica inconsciente coletiva" que as mudanças sociais e políticas sobrevindas no Maghreb desde uma ou duas décadas (sobretudo desde a invenção do rádio transistor) punham em dúvida. A hipótese de que o comportamento supostamente irracional e confuso dos moradores de Chebika

corresponderia às regras de uma lógica encoberta pelas aparências não se enquadrava na realidade de um jogo já abandonado. E, para apressar, para fugir das inquietantes perguntas, o homem ou a mulher de Chebika refugiavam-se na grandiloquência das frases feitas, retiradas do Corão.

Procedemos de modo diverso. A saber, procuramos primeiramente obter o maior número possível de informações a respeito de todos os aspectos da vida quotidiana, repetindo para tanto, durante quatro anos, observações e anotando minuciosamente, em numerosas fichas e cadernos de campo, tudo aquilo que pudesse ser constatado ou balizável. A soma dessas múltiplas indicações alimentou a reconstrução que nós esboçamos. Ela foi corrigida à medida que os pesquisadores, no curso de numerosas discussões, analisaram e criticaram suas próprias observações, ainda que apenas para eliminar traços pessoais de interpretação.

Mas essa observação continuada desencadeou na aldeia notável modificação: objetos desprezados, atos desvalorizados, crenças apagadas readquiriram um cunho de vitalidade em consequência da sua acumulação nos registros dos pesquisadores e da verificação, por parte dos moradores, de que esses elementos exprimiam índices reais para a avaliação mais ou menos exata da imagem que faziam de si próprios. Tal revalorização do equipamento técnico e mental da vida quotidiana não acarretou, como às vezes acontece, uma cristalização de informações voltadas para a tradição. Ao contrário, a mudança é tão ativamente percebida em Chebika que o cenário do espaço habitual ficou afastado e como que "distantiado" pela consciência da transformação vivida pelos habitantes do lugarejo. É o homem de Chebika que conquista, por meio desta investigação repetida, sua própria objetividade.

Entretanto, no escoar dos anos, o que particularmente interessava à equipe de campo eram as entrevistas não-dirigidas, durante as quais facultava-se às pessoas de Chebika a liberdade de sua "tagarelice", de seus processos mentais freqüentemente hesitantes, deixando-as finalmente encontrarem sozinhas uma linguagem que seria o caminho para chegar até nós. E, concomitantemente, conforme bem reparou o meu colaborador Saiah, filho de beduínos da estepe, o pesquisador originário da cidade também teve de aprender, a duras penas, a linguagem para alcançar o homem de Chebika. (*)

(*) — As moças do nosso grupo encontraram mais depressa uma linguagem comum com as mulheres do povoado, enquanto os homens

É evidente que tais questionários e entrevistas eram, em parte, previamente planejados. Mas, cedo, compreendemos que convinha fixar apenas as perspectivas mais amplas daquilo que seria preciso indagar, já que a direção da entrevista passava gradualmente às pessoas que fomos ver. A partir do segundo ano dos trabalhos, essa iniciativa acentuou-se e ganhou tamanha importância que entendemos então que a gente de Chebika redescobria uma linguagem — a sua linguagem — por intermédio dos nossos questionários.

É bem possível que ao nível da microssociologia (e a nossa pesquisa avizinha-se da microssociologia), o tipo de investigação denominado “estudo de casos”, “cases studies” (*), (de que Znaniecki e Thomas forneceram um exemplo clássico em seu *Polish Peasant in Europe and America* em 1927, e que Gottschalk, Kluckhohn e Angell sistematizaram em *The Use of Personal Documents in History, Anthropology and Sociology* em 1945), encerra uma fecundidade excepcional. Estudos de autobiografias tão completas quanto possíveis, exames diretos de opiniões, reconstituição de discursos e sonhos expressos, tudo isso indica a medida do documento pessoal e do valor das informações assim coletadas. Recentemente, textos como *Sun Chief*, biografia de Don Talayesva, índio Hopi, recolhida por Leo-W. Simomons, *Uma Aldeia da China Popular* de Jan Myrdal e, sobretudo, *A Vida de uma Aldeia Mexicana, Os Filhos de Sanchez e Pedro Martinez* de Oscar Lewis, demonstram a que riqueza e a que interesse universal podem atingir semelhantes estudos quando conduzidos com talento.

A nossa intervenção suscitou o maior movimento coletivo de que Chebika tem consciência em sua história recente porque, pela primeira vez, os motores desse movimento localizavam-se em seu interior. Não apenas os questionários repetidos de ano a ano (aferindo mudanças mais sensíveis, divergências que requeriam explicações) acentuaram esse elemento dramático durante o qual *Chebika representou Chebika*, mas também as atitudes nascidas da prática do questionário encaminharam o povoado aos limites políticos extremos de sua auto-afirmação.

e nossos rapazes demoraram dois anos para *Inventá-la*. Sem dúvida, porque o universo feminino, separado do masculino, forma uma relação direta com uma natureza que os homens, despojados de suas terras, têm dificuldade de reencontrar...

(*) — Em inglês, no original.

Dramatização que permitiu aos habitantes do lugar desempenharem papéis sociais, tradicionais ou não, de que haviam perdido o sentido. Com certeza, um elemento de comédia, e até mesmo de paródia, insinuou-se nessa teatralização da vida cotidiana reencontrada. Mas, como evitá-lo? A ironia e até mesmo o humor não caracterizam as transições de um gênero de sociedade a outro, sobretudo quando o primeiro é aviltado há muito tempo e se arrasta diante de uma mudança que nem sempre se realiza?

Quanto às novas atitudes que levaram ao que denominamos "o caso da pedreira", elas se confundem inteiramente com o descobrimento da nova linguagem; admitindo-se que se estabelece uma relação entre a textura da existência e a trama do discurso de um grupo (e, freqüentemente, de um indivíduo), o aparecimento de uma nova linguagem devia acarretar a emergência de uma vida nova, com tudo o que esse surgimento induz de expectativas e esperanças. O homem de Chebika *nomeou-se* no contexto mais amplo da Tunísia, do momento em que dividiu as bases de um meio falado que continha a sua nova experiência.

É concebível que essa transformação (a teatralização e o discurso) defina o mecanismo de mudança de um organismo social microscópico. "Não quero ouvir falar da microsociologia", dizia de maneira enfática um dos principais secretários de Estado do país durante um seminário de trabalho — justamente na época em que a instalação das primeiras cooperativas não contaria com probabilidades de sucesso sem que todos os microorganismos de base funcionassem *realmente* e permitissem aos grupos o testemunho simultâneo da sua espontaneidade e da sua capacidade de autogestão. Decerto, ao nível da "organização dos grandes conjuntos" e do planejamento abstrato, a destruição das estruturas vetustas da antiga sociedade exigiria concepções globais bastante distanciadas da experimentação a uma escala mais precisa e concreta. Mas permanece sempre a dúvida sobre se a Tunísia alguma vez tenha sido *uma* sociedade e, portanto, se é válido encarar a possibilidade de uma transformação global quando o problema reside no ordenamento de dinamismos parciais. Depois, é possível (mas não, certo) que a animação de grupos microscópicos e a sua orientação para o autogoverno e o dinamismo seja mais relevante do que a elaboração abstrata de planos espetaculares e, portanto, inaplicáveis.

Insistamos ainda no fato de que Chebika, sendo um micro-organismo social, também é uma ambiência particular e até excepcional. O elemento anômico do povoado constitui, precisamente, uma reunião de dados e sintomas que melhor permitem apreender a passagem de uma situação degradada e miserável para uma outra instável, mas dirigida para a adaptação a um meio diverso, embora hipotético, no sul do país.

Os cinco anos passados em Chebika representaram, assim, ao mesmo tempo para os pesquisadores oriundos das cidades e para os moradores da aldeia, uma experiência racionalizada de mudança, uma verdadeira fenomenologia vivida, sobretudo no sentido de que o povoado, que havia perdido toda a consciência coletiva de si, volta a ser pouco a pouco o sujeito de uma mudança e até mesmo, sob certo ângulo, de uma história que virá.

Todavia, tais conhecimentos — observações múltiplas e controladas, questionários repetidos, entrevistas informais, análise da mudança — não podem ser recompostos em seu estado bruto. Uma pretensão da sociologia, em moda há alguns anos na América e agora, com um pouco de retardo, na França, constava da proliferação de gráficos, tabelas e esquemas, conforme um duvidoso pedantismo científico — um pouco como o arquiteto que deixasse os andaimes sobre uma edificação que terminara. Quem há de negar que elementos quantitativos e estruturais são importantes? Não existe método sociológico que os possa negligenciar. Contudo, o que Mills denominava “a imaginação sociológica” está precisamente em integrar esses dados e definir-lhes as funções, em incluí-los num conjunto que os torne comunicáveis, um discurso coerente que os *exponha*.

É por isso que propomos aqui uma *reconstrução utópica* de Chebika a partir da abundância de informações e fatos registrados durante cinco anos e coligidos por diferentes pesquisadores. Essa reconstrução oferece uma certa distribuição desses elementos em um todo que assume a forma de uma relação ou mesmo de uma narrativa.

Marcel Mauss, evocando os problemas da antropologia, adianta a idéia de “fenômeno social total” que, a seu ver, deve superar os conflitos de pontos de vista parciais ou subjetivos e integrar elementos diversos no contínuo movimento global de criação, que é um conjunto social vivo. Idéia profunda, mas que incorre no risco de permanecer verbal se nos contentarmos em observar, “para concluir”, que os fatos exa-

minados adquirem sentido em sua organização num todo e que esse mesmo todo dá expressão aos vários aspectos que abrange. No limite, não ter-se-ia formulado nada além de um truísmo.

Em verdade, o único modo de entender como os elementos sucessivos e dispersos se organizam em uma totalidade viva é *reconstruir esse todo* e tal construção só poderá ser uma linguagem que, cientificamente falando, integre os fatos parciais no movimento de conjunto e o reconstitua designando-o. Empreendimento difícil que pode ser mais ou menos bem sucedido, mais ou menos conduzido a bom termo. Com efeito, da mesma forma como Max Weber *constrói* um tipo, como Marx *constrói* uma classe (que a experiência imediata, evidentemente, jamais isola), também nós tentaríamos construir Chebika.

Mas quando afirmamos, por outro lado, que essa reconstrução é *utópica*, queremos dizer que somos forçados a usar "a imaginação sociológica" (no sentido de Mills) a fim de propor um conjunto coerente (simultaneamente sincrônico e diacrônico), conjunto que traduz uma proposição hipotética cuja veracidade é problemática. A autenticidade do Chebika que reconstruímos para tornar-lhe comunicável a realidade global não implica na correspondência com os dados da evolução real que a aldeia apresentará; porém, ensaiaremos ao menos desvendar uma configuração que se aproxima da realidade e não imobiliza os desenvolvimentos de um *futuro imprevisível*. Nesse sentido, tal reconstrução é uma aposta em torno da vida coletiva. Sugerimos que Chebika se apresente em nosso discurso de modo que os problemas levantados pela transição do povoado de uma degradação contínua a um dinamismo (que, infelizmente, aventura-se a permanecer sem objetivo, ocasionando uma degradação ainda maior), forneçam os elementos racionais para uma intervenção eficiente e não coatora à atenção dos responsáveis pelo planejamento das mudanças na Tunísia.

É também por aí que a análise construída que propomos pode encerrar uma significação exemplar. As aldeias e os burgos (mesmo de escala maior do que Chebika) nos países de denominado "terceiro mundo" são locais privilegiados da passagem de uma vida degradada (que nada possui de tradicional) a uma atividade econômica e moderna. Quando procedemos ao balanço do que pudemos observar no Brasil, Peru, México, Senegal, Marrocos, Argélia, Índia e Cambodja, aferra-

mo-nos mais à convicção de que a mudança subsiste apenas em um plano verbal nos países desprovidos de quadros técnicos homogêneos e onde o “desenvolvimento” se efetua pela ação de uma elite (ou classe dirigente) mais ou menos egoísta e militante. Somente a aldeia ou povoado constituem as eventuais matrizes de uma mudança, sem dúvida lenta e débil, porém susceptível de tornar-se mais radical do que aquela cujas evidências são proclamadas sem esboçar realizações concretas. Mas a reconversão das atitudes políticas e econômicas que seria desencadeada por semelhante constatação sociológica parecerá insuportável para os dirigentes atuais da maior parte dos países do “terceiro mundo”, tanto quanto será inadmissível aos jovens executivos, espantados com a idéia de mergulharem, ainda por alguns meses, nas células rurais, ao invés de desfrutarem as vantagens das suas cidades estruturadas mais ou menos segundo os modelos ocidentais.

Uma última palavra sobre a metodologia utilizada que inclui desde a experimentação direta gravada, desde o acoметimento da aldeia por meio de *todos* os métodos possíveis de investigação até à reconstrução global. Falamos anteriormente de uma invenção, de uma “imaginação pautada no verdadeiro” que caracteriza hoje certos procedimentos da sociologia, na medida em que ela se tornou uma atividade intelectual que pode rivalizar com a literatura quando procede a reconstruções utópicas.

Já foi dito à saciedade do romance do século passado (e, freqüentemente, do romance contemporâneo) que ele se orientou, sem que por isso seja “naturalista” ou “realista” (que não passam de palavras ou de ideologias estéticas), rumo a uma totalidade que integra elementos sociológicos. Conforme afirma Hermann Broch (1): “a obra literária deve abarcar em sua unidade o mundo inteiro.”

Nesse sentido Balzac, com um mundo em elaboração — e ainda não inteiramente cristalizado quando sua obra foi escrita — ou Joyce (de quem Broch afirma haver encerrado numa totalidade organizada em linguagem um mundo de sonho, de desejos, de elementos não conscientes e implícitos) comportam-se exatamente da maneira como se define, atualmente, um certo tipo de criação sociológica.

O conteúdo da “mirada” do romance clássico não é o domínio de um conjunto organizado do real, quer se trate de dramas privados e inclinados na direção de valores parciais, quer se trate de fuliginosas visões oníricas ou psíquicas... A

imaginação do romancista, porém, ao inventar uma figura feminina como Madame Bovary, é um trabalho de experiência utópica que reconstitui uma totalidade viva no âmago e ao redor de um personagem que se converte no símbolo momentâneo dessa montagem. Joyce ou Proust provaram que era exequível efetuar a mesma experiência com o próprio espírito, o Ego e suas complexas variações.

Operou-se, portanto, desde alguns anos, determinada conversão que corresponde a uma ruptura profunda: o escritor descobriu que a invenção conformada ao verdadeiro poderia adotar como ponto de partida a existência real de homens situados em posições bastante específicas — atípicas ou anômicas — para assumir um valor de símbolos e mesmo de mitos. Sabe-se que foi essa uma das incitações de Truman Capote quando escreveu *A Sangue Frio* e se misturou à vida de assassinos de que fez o foco vivo de uma invenção, ao invés de os reencontrar ao termo de uma produção formal, como era praticada geralmente no romance. Isso, sem dúvida, é um dos motivos que tornam, hoje em dia, a antropologia e a sociologia tão estimulantes e atraentes: a vida diferente (ou simplesmente distanciada pelo próprio exotismo que a extrema familiaridade carrega consigo) vem a ser a matriz e o pretexto de uma reconstrução onde a expressão literária acha, com freqüência, a sua vantagem.

Poderíamos dar a essa conversão das atitudes uma forma algo chocante pela afirmação: *Balzac ou Dickens atualmente seriam sociólogos*; posto que Michelet tenha fornecido ao século XIX um exemplo disso que examinamos — mediante a encenação dramática do passado histórico, é bem verdade.

Mas, desde logo, é conveniente verificar que se contam nos dedos das duas mãos os livros que respondem hoje a essa exigência de mudança. Quer solicitados pelo desejo de fixar uma teoria, quer movidos pela especulação literária pura e impressionista, quer pressionados a buscar nas ciências matemáticas uma linguagem que confirme e, em conseqüência, substitua a imaginação sociológica, numerosos desses autores que estariam capacitados a proporcionar exemplos nesses contextos, após um ou dois livros surpreendentes, desertam do caminho da modernidade, para trilharem o rumo de um positivismo ultrapassado ou de um expressionismo literário discreto.

Ao evocar a mutação de sentido daquilo que chama de “mito” — e que denominamos um discurso coerente e uma

reconstrução global e utópica — Hermann Broch constata que a nossa época assiste à fragmentação e ao esfacelamento dos conjuntos mais vastos e, portanto, dos valores que justificavam tonalidades anteriores. Mas restam-lhe outras tarefas, sobretudo para um período em que as técnicas desencadeadas escapam por vezes — ou são passíveis de escapar — ao controle do homem (2): “Um mundo que se faz explodir a si mesmo não permite que o retratem, porém, como a sua devastação tem origem nas mais profundas raízes da natureza humana, é esta última que deve ser representada em toda a sua nudez, assim na sua grandeza como na sua miséria — e eis aí, precisamente, uma tarefa já mítica.”

Parece-nos que a reconstrução utópica da miséria de Chebika, sujeitando a imaginação à realidade sociológica que ela recompõe em um discurso, vai ao encontro dessas novas tarefas da criação e do conhecimento...

Tradução de L.F. RAPOSO FONTENELLE e revisão de EDUARDO DIATAY B. DE MENEZES.

NOTAS

- (1) — BROCH, Hermann — *Création littéraire et connaissance*. Trad. francesa, Paris, Gallimard. p. 235.
- (2) — *Op. cit.*, p. 255 (“L’Héritage mythique de la littérature”).